

A FINITUDE DA EXISTÊNCIA: DE SARTRE À PSICOLOGIA CLÍNICA

The Finitude of Existence: From Sartre to Clinical Psychology

La Finitud de la Existencia: De Sartre a la Psicología Clínica

La Finitude de l'Existence : De Sartre à la Psychologie Clinique

10.5020/23590777.rs.v23i1.e12333

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

Doutora em Psicoterapias Atuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Bolsista de Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq – Brasil).

Yan Sousa de Almeida

Mestre em Psicologia, Pesquisador do Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial (LAFEPE).

Resumo

Com este artigo queremos mostrar como a Literatura pode contribuir com a formação e consequente atuação do psicólogo clínico para que ele possa aprender a ver e ganhar paciência na lida com a experiência humana. E assim, pela descrição das experiências próprias aos contos e romances, esse profissional possa enriquecer o seu repertório de possibilidades no acompanhar das experiências singulares. Para tanto, o caminho que seguimos, na construção deste texto, consistiu em destacar, no conto *O Muro* de Sartre, suas considerações sobre a morte anunciada. Por um caminho fenomenológico-hermenêutico pudemos realizar um estudo reflexivo sobre o conto e a clínica psicológica. Assim, primeiramente, suspendemos fenomenologicamente os posicionamentos atuais sobre a morte, como algo que diz respeito ao impessoal e que pode ser adiado. Pra que assim possamos deixar aparecer outros modos singulares de lida com a finitude anunciada ao acompanhar as experiências singulares frente à própria morte de cada uma das personagens do conto. Em uma postura hermenêutica, mostramos o modo como cada um é afetado pela morte e é atravessado pela luta do homem moderno contra a finitude da existência, não se tratando, portanto, de uma experiência que nasce em uma subjetividade encapsulada. Por fim, com este estudo, tentamos trazer contribuições da prosa sartriana à formação e, consequente, atuação na clínica psicológica. Sartre ensina e exercita o clínico no exercício do ver, pacientemente, diferentes modos de apropriação do anúncio da finitude, experimentados singularmente pelo jovem Juan, pelo racionalista Tom, o médico Belga, e pelo revolucionário Pablo.

Palavras-chave: Sartre; finitude; singular; universal.

Abstract

*With this article, we want to show how Literature can contribute to the training and consequent performance of the clinical psychologist so that he can learn to see and gain patience in dealing with the human experience. And so, by describing the experiences typical of short stories and novels, this professional can enrich his repertoire of possibilities in accompanying unique experiences. Therefore, the path we followed in the construction of this text consisted of highlighting in the short story *The Wall* by Sartre his considerations about the announced death. Through a phenomenological-hermeneutic path, we could carry out a reflective study on the short story and the psychological clinic. Thus, first, we phenomenologically suspend the current positions on death as something that concerns the impersonal, and it can be postponed so that we can appear other unique ways of dealing with the finitude announced by accompanying the unique experiences facing the death of each of the characters in the story. In a hermeneutic posture, we show how each one is affected by death and is crossed by the modern man's struggle against the finitude of existence, therefore not being an experience born in an encapsulated subjectivity. Finally, with this study, we*

try to bring contributions from Sartrian prose to the formation and performance in the psychological clinic. Sartre teaches and exercises the clinician in the exercise of seeing, patiently, different ways of appropriating the announcement of finitude, experienced singularly by the young Juan, by the rationalist Tom, the Belgian doctor, and by the revolutionary Pablo.

Keywords: Sartre; finitude; singular; universal.

Resumen

Con este artículo queremos enseñar como la literatura puede contribuir con la formación y consecuente actuación del psicólogo clínico para que él pueda aprender a ver y ganar paciencia en el trato con la experiencia humana. Entonces, por la descripción de las experiencias propias a los cuentos y romances, estos profesionales puedan enriquecer su repertorio de posibilidades en el acompañar de las experiencias singulares. Para tanto, el camino que seguimos, en la construcción de este texto, consistió en enfocar, en el cuento El Muro de Sartre, sus consideraciones sobre la muerte anunciada. Por un camino fenomenológico-hermenéutico pudimos realizar un estudio reflexivo sobre el cuento y la clínica psicológica. Así, primeramente, suspendimos fenomenológicamente los posicionamientos actuales sobre la muerte, como algo que dice respecto al impersonal y que puede ser adiado. Para que podamos dejar aparecer otros modos singulares de lidiar con la finitud anunciada al acompañar las singulares experiencias ante la propia muerte de cada uno de los personajes del cuento. En una postura hermenéutica, enseñamos el modo como cada uno es afectado por la muerte y es traspasado por la lucha del hombre moderno contra la finitud de la existencia, no tratándose, por lo tanto, de una experiencia que nace en una subjetividad encapsulada. Por fin, con este estudio, intentamos traer contribuciones de la prosa sartriana a la formación y, consecuentemente, actuación en la clínica psicológica. Sartre enseña y ejercita el clínico en el ejercicio del ver, pacientemente, diferentes modos de apropiación del anuncio de la finitud, experimentados singularmente por el joven Juan, por el racionalista Tom, el médico Belga y por el revolucionario Pablo.

Palabras clave: Sartre; finitud; singular; universal.

Résumé

Avec cet article, nous voulons montrer comment la littérature peut contribuer à la formation et à la pratique ultérieure du psychologue clinicien afin qu'il puisse apprendre à observer et acquérir de la patience dans le traitement de l'expérience humaine. Et ainsi, par la description des expériences propres aux contes et romans, ce professionnel peut enrichir son répertoire de possibilités dans l'accompagnement des expériences singulières. Pour ce faire, le chemin que nous avons suivi dans la construction de ce texte consistait à mettre en évidence, dans le conte Le Mur, les considérations de Sartre sur la mort annoncée. Par une approche phénoménologique-herméneutique, nous avons pu réaliser une étude réflexive sur le conte et la clinique en psychologie. Ainsi, tout d'abord, nous suspendons phénoménologiquement les conceptions actuelles sur la mort, en tant qu'éléments impersonnels et reportables. Afin que puissions ainsi permettre l'émergence d'autres modes singuliers de faire face à la finitude annoncée en accompagnant les expériences singulières face à la propre mort de chacun des personnages du conte. Dans une perspective herméneutique, nous exposons comment chacun est affecté par la mort et est traversé par la lutte de l'homme moderne contre la finitude de l'existence, il ne s'agit donc pas d'une expérience qui naît dans une subjectivité encapsulée. Enfin, avec cette étude, nous avons cherché d'apporter des contributions de la prose sartrienne à la formation et, par conséquent, à la pratique de la clinique psychologique. Sartre enseigne et entraîne le clinicien dans l'exercice du regard, patiemment, sur les différentes façons d'appropriation de l'annonce de la finitude, expérimentées de manière singulière par le jeune Juan, le rationaliste Tom, le médecin belge et le révolutionnaire Pablo.

Mots-clés : Sartre ; finitude ; singulier ; universel.

Há algum tempo Feijoo (2020) insiste na interlocução entre a *psicologia clínica* com bases fenomenológico-existenciais e a *literatura*. A autora argumenta que a literatura, como campo de saber, tal como a clínica psicológica, dá voz à experiência singular. Em seu texto *Existência & Psicoterapia*, Feijoo (2017) defende que dialogar com a *filosofia* e com a *literatura* traz elaborações relevantes à clínica, tais como, por exemplo, iluminar o novo que chega, permitindo que possamos ver aquilo que o olhar viciado, seja da ciência ou do senso comum, obscurece. A autora nos lembra, inclusive, que Freud (1926/2017) já valorizava essa interlocução ao dialogar com os mitos e acrescenta que a *ciência da literatura* são campos do conhecimento indispensáveis à psicanálise. Por fim, queremos defender que, por meio da literatura, também podemos ensinar o psicólogo a clinicar, uma vez que a leitura por si só exige paciência, além de nos ensinar a ver sem preceitos moralizantes, e muitas vezes promovendo o *pasmado essencial* (Pessoa, 1988), tal como a ação clínica exige e ensina também.

Pretendemos, neste estudo, seguir os passos de Feijoo (2017; 2020) e chamar o filósofo e literário Jean-Paul Sartre para um diálogo com a psicologia clínica fenomenológico-existencial, tal como apropriada por Feijoo (2000; 2017), sobre a lida do homem moderno com a finitude da existência. Voltamo-nos, no entanto, mais para o literário do que para o filósofo. Mais especificamente, o nosso interesse está em debruçarmo-nos no livro de contos *O muro* (Sartre, 1939/2015a). Isso porque em um dos cinco contos que compõem o livro é discutida a questão da finitude. Destacamos que o combate à finitude da existência incita uma luta tanto da filosofia quanto da ciência no mundo moderno (Heidegger, 1927/1998). Husserl (1952/2007) diz que aquilo que atravessa o modo de ser do filósofo, do cientista e dos especialistas, atravessa também o homem comum. Com isso, o fenomenólogo assevera que o modo de pensar da ciência não difere em nada do senso comum.

O tema da morte se apresenta muito claramente no primeiro conto do livro *O Muro* (Sartre, 1939/2015a) e recebe o mesmo título: *O Muro*. Nessa oportunidade, Sartre além de mostrar evidências do projeto original em cada um dos prisioneiros condenados à morte, também deixa evidente que a lida com o anúncio da finitude se mostra de forma totalmente singular em cada um deles. O nosso escritor ainda revela a sua arte em várias passagens do conto. Primeiramente, prende totalmente a atenção do leitor e, em segundo lugar, consegue, em uma situação de mortes e constrangimentos, nos fazer, assim como seus personagens, rir ao nos mostrar a imprevisibilidade e reviravolta da vida de um modo totalmente inusitado.

Por fim, com este artigo, queremos mostrar como a literatura pode contribuir com a habilidade do psicólogo clínico de aprender a ver as singularidades humanas e a ganhar paciência se demorando na experiência humana e, assim, pela descrição das experiências próprias aos contos e romances, esse profissional pode enriquecer o seu repertório de possibilidades no acompanhar das experiências singulares.

Para tanto, o caminho no qual traçaremos o percurso da escrita deste texto consiste em destacar, no conto de Sartre (1939/2015a), a questão - muitas vezes presente na clínica psicológica - da luta pela não aceitação da finitude da existência. Com este estudo, então, tentaremos trazer contribuições à clínica psicológica por meio de um diálogo com a literatura sartriana, na medida em que essa nos mostra as expressões singulares frente à morte anunciada, bem como nos faz ter paciência para ver e acompanhar a situação de cada um dos personagens em seus afetos e relatos - sem esquecer que o próprio Sartre é o articulador de uma proposta existencial na filosofia.

O método de investigação utilizado nesta pesquisa teve como base a fenomenologia-hermenêutica (Feijoo, 2021). A virada fenomenológica apresenta-se pela suspensão do modo como pensamos a morte na impessoalidade, ou seja, como algo que pode ser evitado e adiado. Hermenêutica na medida em que acompanhamos o pensamento de Sartre sem abandonar o horizonte histórico em que ele se encontrava, para poder, então, compreender as expressões singulares do próprio escritor como também de seus personagens. Procedemos então a um estudo reflexivo sobre a relação da literatura com a formação e consequente atuação do psicólogo clínico. Para tanto, utilizamos o conto *O Muro*, de Sartre, que nos permitiu acompanhar e ver as diferentes expressões singulares frente o anúncio da finitude de cada um dos personagens.

Sartre: Vida, Projeto Literário

Acreditamos que, para um bom entendimento da obra *O Muro*, precisamos que primeiramente façamos uma tentativa de nos aproximar da vida de Sartre. Antes de comentarmos a respeito de sua obra, é importante esclarecer o lugar desde onde a obra fala, como o próprio autor defende: “O fato é que se lê mal, afoitamente, e se julga antes de compreender. Portanto, recomeçemos” (Sartre, 1949/2015c, p. 11). Complementa: “Isso não diverte ninguém, nem você nem a mim. Mas é preciso ir até o fim”. Antes de chegar ao fim, no entanto, temos que retomar o início.

Adiantamos apenas que tentar alcançar o projeto de Sartre não é nada mais do que conjunturas. Somente junto ao próprio Sartre poderíamos nos aproximar daquilo que seria seu projeto como escritor. Todavia, em uma busca pelo saber, tal limitação não é questão de tristeza, mas de uma “tênue alegria mínima do condicional ‘se eu soubesse’”. Mas tenho que ter modéstia com a alegria. Quanto mais tênue é a alegria, mais difícil e mais precioso de captá-la – e mais amado o fio quase invisível da esperança de vir a saber” (Lispector, 2018, p. 391).

Na esperança de vir a saber, descobrimos que, por sorte, Sartre deixou um livro - uma coletânea de vários ensaios intitulada *Que é a Literatura?* (Sartre, 1949/2015c) - e é nessa obra que baseamos este tópico, em uma tentativa de nos aproximarmos da visão do próprio Sartre a questões como: O que é escrever? Por que escrever? Para quem se escreve?

Sartre (1949/2015c) argumenta que o escritor tem a capacidade de dirigir o leitor, no sentido de guiá-lo a alguma coisa. Mas como o escritor faz isso? De acordo com Sartre, o escritor faz isso falando: “O escritor é um falador, designa, demonstra, ordena, recusa, interpela, suplica, insulta, persuade, insinua” (Sartre, 1949/2015c, p. 28). Mas não se fala que se é falador - ou seja, escritor - falando de qualquer jeito. Sartre diz que o falador, quando fala, deve falar como se atira e que se atire como um adulto, que atira visando um alvo, e não como uma criança, que o faria ao acaso e fecharia os olhos ao ouvir o som do tiro. Sem surpresa nenhuma, o que Sartre está apontando é a responsabilidade que um escritor engajado tem ao fazer uso das palavras. Isso não é surpresa, uma vez que a questão da responsabilidade está muito presente no pensamento de Sartre

(1946/2014, 1943/2015b). Por isso, o escritor engajado não deve só escolher as palavras de maneira estética, deve também pensar na função das palavras que utiliza. Mas qual seria a função dessas palavras? Sartre diz que “O escritor engajado sabe que a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar senão tencionando mudar. Ele abandonou o sonho impossível de fazer uma pintura imparcial da sociedade e da condição humana” (Sartre, 1949/2015c, p. 31).

Na citação acima, há duas questões importantes. A primeira é a admissão da impossibilidade de imparcialidade das palavras do escritor. Diferente da ciência hegemônica - que, na maior parte das vezes, busca ser asséptica, neutra e capturar a realidade em uma certa vacuidade -, o escritor, por meio da literatura, abandonou esse “sonho impossível” (Sartre, 1949/2015c, p. 31), já que almeja retratar a vida vivida, descrever uma experiência.

A segunda questão importante é a noção de palavra como ação, fazer, devir. Não há uma segregação entre ação e pensamento, porque se o fazer da palavra já é ação, pode ser condição essencial para o despertar de uma consciência reflexiva, como diz Sartre (1943/2015b). O texto tem vida e é ação porque tensiona com o objetivo de desvendar e provocar mudanças. O escritor que atira com as palavras de maneira engajada deve ter como objetivo mudar, ou tensionar mudança, porque é essa tensão que abre a possibilidade para que um desvendar outro possa ocorrer. Mas então, ao provocar essa tensão, o que o escritor quer fornecer ao outro nesse espaço para desvendar? Sartre (1943/2015b, p. 32) diz que “a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele”. Não há como ser inocente quando você se encara como existente, não só livre, mas condenado à liberdade, obrigado a realizar escolhas e conseqüentemente ser feito por elas (Sartre, 1946/2014, 1943/2015b). Sempre nesse processo que é ser autor desse projeto, a vida nunca é pronomo definido, mas verbo, pois se dá no fazer.

Se nós e você leitor pararmos para pensar o que Sartre está escrevendo aqui, podemos perceber que ele não está somente dando essa característica ao leitor. Sartre não está desligado dessa condição de lida com a liberdade e a ausência de inocência, ou dessa articulação indissociável entre pessoa-mundo. O escritor, o falador, enfim, o próprio Sartre está inserido nisso. O que queremos dizer é que Sartre já admitiu que não sonha com a neutralidade, também se descrevendo como alguém condenado à liberdade nessa articulação inseparável com o mundo. Ademais, já se determinou como não só um falador qualquer, mas um falador que vive em um tempo e condição específicos. Nas palavras de Sartre (1943/2015b, p. 134): “Engajado na mesma aventura que os seus leitores e situado, como eles, numa coletividade sem divisões, o escritor, ao falar deles, falaria de si mesmo e, ao falar de si mesmo, falaria deles”.

Para tecer mais comentários sobre a imparcialidade do escritor, Sartre (1949/2015c) fornece o exemplo do literato Richard Wright, que foi um escritor negro da década de 1920 que escreveu acerca de questões do tempo dele e, por falar de questões de seu tempo, também falou de si. Sartre comenta que, nessa condição, Wright é “o homem que vê os brancos de fora, que assimila a cultura branca pelo lado de fora, e cada livro seu mostrará a alienação da raça negra no seio da sociedade americana” (Sartre, 1949/2015c, p. 74). Sartre termina esse comentário por onde começamos, no caso, referindo-nos ao escritor e a seu projeto de literatura, projeto de escrever, dizendo: “sou escritor em primeiro lugar por meu livre projeto de escrever” (Sartre, 1949/2015c, p. 73).

Ao seguir a recomendação de Sartre, chegamos ao final retomando o início. Agora, depois de consultar Sartre acerca de suas opiniões sobre a literatura e o escrever; retomamos a questão de considerar *O Muro* (Sartre, 1939/2015a) como um projeto literário *sartreano*. O que podemos pensar a respeito? Assim como no caso de Hermes – a hermenêutica e o modo como Sartre comenta sobre Richard Wright –, precisamos, ao ler os escritos de Sartre, entender que ele está falando de si e de seu tempo. Afinal, como isso se dá?

Sartre vivenciou duas Guerras Mundiais. Serviu na Segunda, e ele mesmo diz que isso foi o acontecimento que dividiu a sua vida em duas (Cohen-Solal, 2008), separando a sua infância de sua vida adulta. Com isso, removeu a visão que ele tinha de um individualismo para perceber de fato que vive em uma sociedade e que existe com e a partir dos outros. Foi prisioneiro de guerra por mais ou menos um ano. No encarceramento, não só leu obras de filosofia como também escreveu o seu primeiro tratado filosófico. Além disso, vivenciou a Guerra Fria e o processo de descolonização de regiões africanas. Sartre é francês e viu a França ser literalmente invadida pelo nazismo. Escreveu uma peça, *As Moscas* (Sartre, 1943/2013), sobre esse momento em pleno período de ocupação nazista.

Sartre foi um intelectual do século XX. Um século que mostrou que a promessa do iluminismo não seguiu o arco planejado; pelo contrário, a razão e a conquista intelectual foram pivôs de grande parte da destruição que ocorreu nesse século. Coisas como a razão, a neutralidade e esse ideal por progresso racional entraram em crise. Outras formas de ver, descrever, se relacionar com os outros e com as coisas eram não só buscadas, mas também entendidas como necessárias (Bakewell, 2017). Sartre se via como um burguês intelectual, mas também sempre pensava de que modo alguém como ele, na posição dele, poderia se responsabilizar e engajar em mudanças sociais. Esse homem, sem dúvida, se engajou em muitas causas, como a defesa da independência da Argélia, a denúncia dos crimes de guerra cometidos pelos Estados Unidos no Vietnã, o movimento de maio de 1968 e o apoio à Revolução Cubana.

Sartre era um ateu que admitiu que tinha como religião a literatura e como templo a biblioteca (Sartre, 1963/2000). Enquanto servia no exército durante a guerra, ele escrevia cerca de 12 horas por dia. Nesses meses, Sartre conta que se sentia convocado a escrever, o que deu origem a 15 cadernos. Só seis desses cadernos foram recuperados, somando mais de 600 páginas, que deram origem a sua obra póstuma *Diário de uma Guerra Estranha* (Sartre, 2005).

Apesar de ser ingênuo considerar a história de vida do filósofo francês totalmente definitiva para justificar seus escritos, também é ingênuo desconsiderar toda essa história. Principalmente quando o próprio Sartre diz que o homem se faz em um projeto de ser no interior da história, ou seja, ao se fazer, o homem historiza-se (Sartre, 1943/2015b). O que queremos dizer é que na literatura de Sartre, ele, tal como Richard Wright, trata do momento histórico que viveu.

Em suas obras vemos prisioneiros de guerra capturados pelos fascistas espanhóis, que aguardam o fuzilamento; soldados convocados para lutar nos campos de batalha europeus; militantes comunistas; desertores. É visível, na produção literária de Sartre, questões relacionadas ao seu contexto histórico, cultural e intelectual. Ao ler *O Muro* (Sartre, 1939/2015a) se vê a Guerra Civil Espanhola, e o que um ambiente como esse pode prover à existência humana. Ao ler *Erostrato e A Infância de um Chefe* (Sartre, 1939/2015a), observam-se certas críticas a valores considerados burgueses, a questão de classes e a posição dos operários. Para alguém que se sente a todo tempo convocado e responsável por suas escolhas e ações, não é surpresa o conteúdo dessas obras. Outra indicação disso é a trilogia *Os Caminhos da Liberdade* (Sartre, 1945-1949/2017), que relata a história de um professor e seus dilemas provocados por escolhas, como, por exemplo, se deveria ir para a guerra ou não. Ou o conto *Intimidade* (Sartre, 1939/2015a) que mostra a condição do ser humano de ser feito de suas escolhas, de ser engajado, mesmo quando sua escolha é não escolher nada.

Em última instância, considerar *O Muro* (Sartre, 1939/2015a) como um projeto literário de Sartre é observar na obra uma tentativa de abrir mão de uma neutralidade e de explicações lógicas metafísicas. Trata-se de algo como um tiro de pura ação que tenta engajar o leitor, abrir espaço para que, ao tencioná-lo, o leitor possa ver que é livre e responsável por sua vida. E, ainda, sua escrita encaminha o leitor a conseguir lidar com as consequências dessa responsabilidade no seu projeto, que é sempre rascunho - que é a vida de cada um -, que, ao escolher, escolhe por todos e também se faz por e a partir de suas escolhas. Para além de tudo isso: saber que quando o escritor - o falador - fala do leitor, fala também de si mesmo, ou seja, está inserido nessa relação com o mundo.

Fundamentalmente, Sartre trata de realidade a partir de uma verossimilhança, e não é menos historiográfico por isso. Isso porque ele discute o passado na tentativa de transformar o presente. O que ele almeja não é qualquer tipo de transformação, mas uma transformação existencial. Agora que esclarecemos isso tudo, pensamos que o que queremos dizer é que antes de ser *sartriano*, Sartre foi Sartre. Ele só pode ser considerado sartriano porque foi e viveu em um contexto onde foi fundamentalmente Sartre.

A Questão da Finitude em *O Muro* em Diálogo com a Psicologia Clínica

O conto *O Muro* (Sartre, 1939/2015a) tem como tema central a morte, e por consequência a vida, pois não é possível falar de uma dessas temáticas sem também desenvolver proposições acerca da outra.

Anteriormente ressaltamos a importância de entender o contexto histórico em que o autor está inserido para poder penetrar pacientemente na leitura dos seus textos, pois, quando um escritor escreve, fala de si e de seu tempo (Sartre, 1949/2015c). Retomamos isso para apontar que a escolha pelo tema que estamos desenvolvendo neste estudo também está atravessada por um fato que vem ocorrendo em plena pandemia global, em que a morte ganha destaque. Com isso, constatamos que até os que comentam obras são reféns do tempo.

Além dos temas vida e morte, *O Muro* trata de algumas perguntas. Perguntas que podem ser consideradas como fundamentalmente existenciais. Por exemplo: A vida tem sentido? Há sentido na vida em si mesma? Não só a vida, mas as coisas têm sentido? Essas perguntas pela busca por sentido têm muito a ver com o ambiente no qual a obra ocorre. *O Muro* se passa durante a Guerra Civil Espanhola, que ocorreu entre 1937 e 1939 - guerra que envolveu muitas pessoas, inclusive indivíduos que nem queriam ser envolvidos: pessoas apolíticas e de outras nações. Também durante essa guerra, como em vários outros momentos de crise, conceitos como verdade foram meio que deixados de lado.

Com isso queremos dizer que nessa guerra não existiam heróis ou vilões claros, como no caso da Segunda Guerra Mundial, por exemplo, ou pelo menos, como nos contam a história dessa guerra, todos os lados cometiam atrocidades, todos os lados mentiam - e mentiam descaradamente. Jornais descreviam vitórias em batalhas que nem ao menos aconteceram, mentiam sobre números de mortes e ataques sofridos.

Como anunciamos no início deste tópico, o tema central do conto *O Muro* é a morte, ou a pergunta da existência de sentido na vida. Sartre tem como objetivo principal retratar uma experiência, por isso o foco principal não é chegar a uma resposta, mas descrever o que os personagens pensam e sentem quando postos nessa situação. A situação é a seguinte: como lidar com o sentido das coisas quando a morte te circula de maneira tão aparente? Dessa forma, para falar sobre como isso é

tratado no livro, comentaremos como cada um dos personagens que é condenado à morte se vê frente a isso. Seguindo uma ordem relativamente cronológica, iremos começar pelo jovem Juan.

Quando Juan, um rapaz de 17 anos prisioneiro de guerra, jurando inocência, percebe que vai morrer, o que passa pela cabeça dele não são elucubrações muito elaboradas como o fato de depois que ele morrer, ele não vai existir mais, ou para onde ele vai quando morrer, ou coisas do tipo. O que ele pensa é o quanto ele vai sofrer para morrer. Quanta dor vai sentir ou se vai durar muito. Pablo – narrador personagem do conto e também prisioneiro de guerra - descreve o jovem da seguinte maneira:

Ele tinha uma fisionomia muito delicada, e o medo e o sofrimento haviam-na desfigurado, vincando todos os seus traços. Três dias antes era uma criança franzina, com seus encantos, mas agora parecia um velho, e eu achava que nunca mais voltaria a ser jovem, mesmo que lhe dessem liberdade. Não seria mau oferecer-lhe um pouco de piedade, mas a piedade me desgosta e ele me inspirava horror. (Sartre, 1939/2015a, p. 10)

Essa passagem é interessante porque ela torna evidente uma coisa: lidar com a morte muda as pessoas. A essa altura do conto, biologicamente Juan não morreu ainda, mas mesmo assim já se encontra desfigurado. Mesmo que ele fosse libertado, não seria mais o mesmo. Outra passagem que demonstra isso é a seguinte:

O médico acabou por se aproximar do pequeno Juan. Queria pegar em sua nuca levado pela profissão ou obedecia a um impulso caridoso? Se agiu por caridade, foi a primeira e única vez em toda a noite. Afagou a cabeça e o pescoço de Juan. Este não o impediu, mas não o perdeu de vista; depois, subitamente, pegou-lhe a mão e pôs-se a observá-la com ar abobalhado. Reteve a mão do belga entre as suas, que nada tinha de agradável, duas pinças cinzentas que prendiam aquela mão gorda e avermelhada. Eu imaginava o que ia acontecer e Tom também, sem dúvida; o belga, porém, não percebia nada e sorria paternalmente. Ao fim de um momento, o pequeno levou a gorda pata à boca e tentou mordê-la. O belga desvencilhou-se rapidamente e recuou cambaleando até o muro. Durante um segundo ele fitou-nos com horror; deve ter compreendido de repente que não éramos homens como ele. (Sartre, 1939/2015a, pp. 16-17)

O médico não estava passando pela experiência de estar circundado pela morte, de estar para morrer, de estar morto. Todos os outros três integrantes da cela estavam, de tal forma que se tornaram tipos diferentes de homens. O belga não fazia ideia pelo que os outros estavam passando, porque este nunca viveu algo parecido. Mesmo sendo um médico, nunca esteve próximo da morte da forma como os outros três estavam.

O medo de sofrer era tanto que Juan perguntou ao médico como ele morreria. O doutor disse que ele seria fuzilado. Juan se acalmou por um tempo, mas descobriu que às vezes a morte por fuzilamento não é instantânea e diz: “Então é preciso recarregar os fuzis e atirar de novo? — Refletiu um momento e acrescentou com voz rouca: — Isso toma muito tempo!” (Sartre, 1939/2015a, p. 13). Pablo descreve a reação de Juan da seguinte forma: “Juan sentia um medo terrível de sofrer, não pensava senão nisso; era próprio da idade. Eu já não pensava muito no assunto e não era o medo de sofrer que me fazia transpirar”.

Juan estava pensando somente na dor e no sofrimento, focado no seu corpo em um nível estritamente físico, e enquanto fazia isso não pensava na morte. Pensar em sofrer o fazia esquecer da morte, esquecer que desde que nascemos estamos condenados a morrer. Pablo tem uma descrição muito elucidativa no que diz respeito a isso:

Correu por todo o porão, levantando os braços, depois atirou-se, soluçando, sobre uma esteira. Tom olhava-o com um olhar pesado, sem desejo de consolá-lo. Não valia mesmo a pena. O garoto fazia mais barulho que nós, mas sofria menos; era como um doente que combate o mal com a febre. Quando não se tem nem febre, é muito mais grave. (Sartre, 1939/2015a, p. 20)

Quando não se tem nem febre é muito mais grave porque a ausência da febre não há distração, abrindo espaço para se pensar sobre a morte. Continuemos com outro personagem: Tom.

Tom, diferente de Juan, não chora ou teme o sofrimento físico. Tom tem outro tipo de disposição para a situação. Ele tenta se manter ocupado, fazer alguma coisa com o tempo que tem, tenta pensar em outras coisas. Como esta passagem evidencia: “[Tom] gostaria de consolar o menino; aquilo o manteria ocupado, não lhe daria tempo de pensar em si próprio” (Sartre, 1939/2015a, p. 11). Ou nessa:

[Tom pergunta a Pablo] — Você liquidou uns sujeitos, não? — perguntou-me.

Não respondi. Ele então começou a me explicar que havia liquidado seis desde o início de agosto; não se dava conta da situação e eu percebia que ele não queria se dar conta. (Sartre, 1939/2015a, p. 11)

Todavia, com o tempo, a ocupação de Tom não consegue impedi-lo de pensar sobre a morte que se aproxima: “— É

como nos pesadelos — continuava Tom. — Quer-se pensar em alguma coisa e tem-se o tempo todo a impressão de que afinal se vai compreender, mas não, a coisa desliza, escapa, cai. Digo para mim mesmo: depois, não haverá mais nada. Não compreendo, porém, o que isso quer dizer” (Sartre, 1939/2015a, p. 15).

Nesse momento, parece que Tom começa a realmente pensar sobre a morte, sobre a experiência de deixar de ser, de ser nada, nada. Pensar não só a morte, mas uma morte específica: a própria morte - o que por si só é uma atividade de difícil realização. Porque é muito desafiador o ato de pensar acerca de uma situação na qual você não existe mais, onde não há um você para pensar sobre a situação – não há nada:

Há momentos em que quase chego a decifrar... e depois a coisa me escapa, recomeço a pensar nas dores, nas balas, nas detonações. Sou materialista, juro a você; e não estou ficando louco. Há alguma coisa, porém, que está destoando. Vejo meu cadáver; isto não é difícil, mas sou eu que o vejo, com meus olhos. Seria preciso que eu chegasse a pensar... a pensar que não verei mais nada, que não ouvirei mais nada e que o mundo continuará para os outros. Não somos feitos para pensar nisso, Pablo. Pode acreditar, já me aconteceu ficar uma noite inteira acordado, esperando alguma coisa. Mas essa coisa que eu esperava não é parecida com isso; isso nos pegará pelas costas, Pablo, e não teremos tempo de nos preparar. (Sartre, 1939/2015a, p. 15)

Tom é um materialista, um homem da razão, com todas as suas capacidades mentais intactas. Um indivíduo que se detém no pensar sobre as coisas. Mas quando se põe a pensar sobre a própria morte, ele se confronta com alguns problemas. Mas como? Tom é próximo da morte, ele já matou seis pessoas desde agosto. Então por que ele tem tanta dificuldade? Porque ele na verdade, como muitos de nós, nunca parou para pensar sobre a morte. Porque estar próximo da morte não é simplesmente uma questão lógica ou geográfica, no sentido de estar fisicamente próximo do acontecimento da morte. Em meio a essas questões, ele pergunta a Pablo:

— Pablo, estou pensando... estou pensando se é verdade que a gente desaparece.

Retirei minha mão da dele e respondi:

— Olhe entre os seus pés, porcalhão. Havia uma poça d’água entre seus pés, e gotas continuavam a cair de suas calças.

— Que é isto? — gritou ele, espantado.

— Você está mijando nas calças.

— Não — disse ele, furioso. — Não estou mijando nas calças, não estou sentindo nada.

O belga aproximou-se e perguntou com solicitude fingida:

— O senhor está doente?

Tom não respondeu. O outro olhou a poça em silêncio.

— Não sei o que é isto — disse Tom, arredio —, mas não estou com medo. Juro que não estou com medo. (Sartre, 1939/2015a, p. 16)

Tom apresenta outra consequência que pode ocorrer quando o ser humano é obrigado a encarar sua mortalidade, sua finitude. A percepção e experiência de ausência de controle. No caso de Tom, essa falta de controle se manifesta na incapacidade dele em controlar os próprios fluidos corporais. Ou seja, ele não só não pode controlar o fato que a morte se aproxima, mas também não controla seu corpo, nem o medo que diz não sentir. Contudo, o medo de Tom é diferente do medo de Juan. Como?

Juan não tem medo da morte, tem medo do quanto terá que sofrer para morrer. Já Tom tem medo de não existir, de não mais ser. Daí a fala de Pablo quando diz que o jovem sofre menos que eles, e que não sentir febre é pior do que sentir febre.

O doutor nesse conto também lida com a morte, mas o faz de uma maneira distinta. O clínico belga também está tentando desvendar esse mistério da morte, da finitude, mas ele o faz através da Ciência. Ele tira medidas das pessoas que estão para morrer, analisa as reações fisiológicas que elas apresentam. Ele conta, calcula, tenta prever e manipular variáveis. Uma coisa interessante desse movimento do médico é que ele faz tudo isso tentando esconder dos outros três. Por quê? Porque o médico, como todo bom cientista, como todo bom acadêmico está conduzindo um experimento. E todo experimento científico que se preze deve fazer de tudo para se manter inócuo, neutro. Ele está estudando a biologia, o corpo, para entender isso que é a morte. Estar para a morte para este médico não é mais do que um estado de terror, sudorese, pupilas dilatadas, elevação da pressão arterial, respiração descompassada, ansiedade. Foi uma descrição de Pablo que nos apontou essa intenção do médico: “Eu sabia o que ele tinha vindo fazer; o que nós pensávamos não o interessava; tinha vindo observar nossos corpos, que agonizavam vivos” (Sartre, 1939/2015a, p. 15).

A diferença entre o médico e os outros três homens é que os quatro estão se relacionando com o fenômeno de suas mortes de algum modo. Mas como Pablo diz, o médico não é mais um homem como eles. Por quê? Porque de alguma forma Juan, Tom e Pablo veem a morte. Enquanto o médico, pautado pelo olhar do acadêmico, cientista e pesquisador, conhece a morte. Há uma diferença entre ver e conhecer. Como diz Alberto Caeiro, pseudônimo de Fernando Pessoa (1925/2005, p. 136):

Vale mais a pena ver uma coisa sempre pela primeira vez que conhecê-la
Porque conhecer é como nunca ter visto pela primeira vez
E nunca ter visto pela primeira vez é só ter ouvido contar

Sobre aquele que nos expõe a história que estamos descrevendo: Pablo - qual é a sua disposição quando defrontado pela morte? No início do conto, Pablo deixa perceber que ele nunca parou para pensar na morte. Ele diz: “Eu mesmo não avaliava tudo perfeitamente, perguntava-me se sofreríamos muito, pensava nas balas, imaginava sua passagem ardente através do meu corpo. Tudo aquilo estava fora da verdadeira questão, mas eu me sentia tranquilo. Tínhamos a noite toda para pensar” (Sartre, 1939/2015a, p. 11). Ele complementa dizendo que “não queria morrer como um animal, queria compreender” (p. 17). Então, o que Pablo está tentando fazer é encontrar entendimento acerca da situação que está passando. E ele busca esse entendimento de uma maneira diferente da dos outros personagens. Não é através do medo como Juan. Pablo admite que está suando, mas não é por causa do terror, é alguma outra coisa que ele não sabe exatamente o que é que o faz suar. Pablo também não busca o entendimento ao modo de Tom, através da ocupação ou imaginação. Ele não quer somente imaginar; ele quer entender, como o seguinte trecho demonstra: “Sentia-me cansado e superexcitado ao mesmo tempo. Não queria mais pensar no que aconteceria de manhã cedinho, nem na morte. Aquilo não tinha sentido, eu não encontrava senão palavras, um vazio” (Sartre, 1939/2015a, p. 17). Pablo não quer imaginar como Tom. Ele quer entender, mas aquilo não fazia sentido. Não havia palavras para descrever, só havia vazio.

Essa questão das palavras em si mesmas não terem significado - serem apenas símbolos e esses símbolos não possuírem a capacidade de abarcar a realidade da experiência que alguém está passando - e a constante de um vazio, - não como mera ausência, mas negatividade presentificada - aparecem em basicamente todo o pensamento de Sartre e suas obras, como *A Náusea* (1938/2019), por exemplo. É interessante porque, quando Pablo experiencia isso, ele se dá conta da incapacidade de descrever a situação em palavras. Esse é o momento no qual ele começa a se situar com a experiência de estar circundado pela morte. Sartre (1939/2015a, p. 18) descreve e escreve essa experiência no seguinte trecho:

Nesse momento, tive a impressão de que teria toda a vida pela frente, e pensei: “É uma grande mentira.” Não valia nada, pois havia acabado. Perguntei-me como conseguira passear, divertir-me com mulheres; não teria movido um dedo se imaginasse que acabaria desse jeito. Tinha toda a vida diante de mim, fechada como um saco, e, entretanto, tudo quanto estava lá dentro continuava inacabado. Tentei, num momento, julgá-la. Quisera dizer: foi uma bela vida. Mas não se podia fazer um julgamento, pois ela era apenas um esboço; eu passara o tempo todo fazendo castelos para a eternidade, não compreendera nada. Não tinha saudades de nada; havia uma porção de coisas das quais poderia sentir saudades, do gosto da *manzanilla*, dos banhos que tomava no verão numa enseadilha perto de Cádiz; a morte, porém, roubara o encanto de tudo.

Trechos como: “*eu passara o tempo todo fazendo castelos para a eternidade*” ou “*a morte roubara o encanto de tudo*” são muito citados por aí. Sartre é bom em escrever frases curtas e de efeito. Em *A Insustentável Leveza do Ser*, Kundera (2008, p. 8) diz o seguinte:

Não existe meio de verificar qual é a boa decisão, pois não existe termo de comparação. Tudo é vivido pela primeira vez e sem preparação. Como se um ator entrasse em cena sem nunca ter ensaiado. Mas o que pode valer a vida, se o primeiro ensaio da vida já é a própria vida? É isso que faz com que a vida pareça sempre um esboço. No entanto, mesmo “esboço” não é a palavra certa porque um esboço é sempre um projeto de alguma coisa, a preparação de um quadro, ao passo que o esboço que é a nossa vida não é o esboço de nada, é um esboço sem quadro.

Citamos estes dois escritos em sequência por três motivos. O primeiro é que Sartre e Kundera, cada um ao seu modo, apontam a imponderabilidade lógica da vida. O termo ponderar está relacionado à noção sobre aquilo que pode ser medido e pesado – pesar com balança mesmo. De tal forma que imponderável é aquilo que não pode ter seu peso determinado e calculado pela medida da balança. O existir, essa *insustentável leveza do ser*, é imponderável, pois não pode ser abarcada pelo cálculo; em outras palavras: determinar se uma vida ou decisão é correta pela lógica pautada a partir de um viés do pensamento calculante (Heidegger, 1987/2001) é tarefa muito difícil – se não impossível – e não é por falta de tentar, pois “A gente quer, mas não consegue furtar no peso da vida” (Rosa, 2009, p. 126). Isso se dá porque essa medida está para além da vontade.

O segundo motivo é decorrente do primeiro, pois é o apontamento do caráter de indeterminação da existência humana. O terceiro também se relaciona com o pensamento calculante e a *Gestell* (Heidegger, 2007). O que ambas as passagens apontam é a dificuldade de abarcar a existência pelo modo do esquadilhar, pelo enquadramento, armação – *Gestell* –, na medida que a existência se constitui como um esboço sem quadro. Mas o que está acontecendo aqui com Pablo?

O que o texto mostra é que na presença da morte, as coisas não têm mais valoração em si mesmas. As coisas são exatamente isso: coisas. A vida deixa de ter valores como certo, errado, bom, ruim, e se torna apenas existência, acontecimento. Se o leitor quiser usar a filosofia do Sartre, também podemos dizer que é o *para-si* que cria os valores, não o contrário (Sartre, 2014, 1943/2015b). Pablo comenta que não consegue ver mais os objetos da forma como os via antes - ele via morte em todos os lugares. Aqui ele não está se referindo ao fato dele morrer, mas sim ao fato de por ele não se ver mais como um homem infinito, que passa o tempo todo fazendo castelos para a eternidade - a forma que articula a própria existência estava mudada. Por quê? A próxima citação ajuda a responder esse porquê: “No estado em que me achava, se viessem me avisar que eu poderia voltar tranquilamente para casa, que a minha vida estava salva, eu ficaria indiferente; algumas horas ou alguns anos de espera dão na mesma, quando se perdeu a ilusão de ser eterno” (Sartre, 1939/2015a, p. 19). Aqui, parece que Pablo alcançou algum tipo de entendimento do que ele desejava. Parece que Pablo compreende algo. Sartre diz que “Compreender é modificar-se, ir além de si mesmo” (Sartre, 1987, p. 118). Aqui há uma mudança em Pablo. Essa compreensão é a de que as coisas não têm valores em si mesmas, que os seres humanos não são eternos e - o mais importante - que ele próprio não é eterno.

Todos vamos morrer. É uma ideia, que você entende, mas não vive de fato. Aqui, nesse momento da história, podemos dizer que Pablo de certa forma atingiu um entendimento existencial de que vai morrer, de tal maneira que não faz a menor diferença se ele vai morrer daqui a 2 horas, 2 ou 20 anos.

Depois de haver compreendido a sua situação de mortal, Pablo não deixa mais que os militares que o aprisionaram tenham qualquer poder sobre ele. Como intimidar alguém que não tem medo de morrer? Os ingleses se perguntaram a mesma coisa quando sofreram os primeiros ataques nórdicos. Os militares falaram que Pablo seria liberto, caso fornecesse a localização de Ramón Gris, o líder da resistência espanhola. Como uma espécie de punição, os carcereiros dão 15 minutos para Pablo pensar sobre o assunto. Pablo não utiliza esse tempo para pensar em formas de salvar a própria vida, ele não pensa em motivos ou justificativas externas. Ele não via mais valores - na verdade ele os questionava. Ele pensa no porquê defenderia Gris, só porque ele se considerava amigo de Gris. Agora Pablo sabia que a vida de Gris não valia mais que a dele, afinal, qualquer vida não valia nada. Por fim, o que ele decide fazer é se divertir com os militares. Manda-os buscarem o sujeito no cemitério por pura ironia.

Vendo essa ação a partir das ideias de Sartre, nesse momento - em que Pablo está objetivamente encarcerado, preso e jogado contra o muro por seus captores -, Pablo exerce sua liberdade. Porque liberdade não é poder fazer tudo o que se quer instantaneamente. Para Sartre, liberdade só é liberdade, torna-se tão forte porque pode ser exercida apesar das contingências, apesar das limitações. Sartre (2014, 1943/2015b) argumenta que liberdade não é liberdade de realização ou obtenção, mas liberdade de eleição. E nesse momento Pablo elege não por causa de consequências ou morais exteriores a ele, mas escolhe a partir de uma eleição que ele próprio fez. Daí considerarmos que apesar de ele estar preso, é nesse instante que Pablo exerce sua liberdade, que é sempre constitutiva.

Os militares encontram Gris no cemitério, Pablo é solto e compreende que não há nada para se entender. Nesse instante, ele atinge o ápice do entendimento. As coisas aparentemente estavam resolvidas, encaixadas, justamente porque não existia essa ideia de se encaixar as coisas. Pablo adquire tamanho poder que consegue brincar com aqueles que ameaçavam sua vida. Por um momento, parece até mesmo que Pablo detém controle, mas mesmo aí, nessa posição de controle, ele não tem controle nenhum.

Parece que a vida ou a morte, ou algo que não tem nome ou descrição, supera essa ilusão de controle mais uma vez e surpreende Pablo. O que Pablo faz? Ri tanto da situação que chora. Em geral, Sartre termina suas histórias em tons como esse. E finais como esse, que não tem fim, deixam um vazio, o qual dá espaço para o leitor *eleger* e se *modificar* após a leitura. São, para nós, os tipos de finais que apresentam finalidade de fato.

Agora uma questão insiste em nos incitar: afinal, o que o projeto literário de Sartre e o conto *O Muro* tem a ver com a psicologia clínica? Por que interessa a um psicólogo que atua com base na fenomenologia, na filosofia da existência e na literatura saber sobre o caráter finito da existência?

No início do texto, afirmamos que a literatura pode contribuir com a formação e a consequente tarefa do psicólogo clínico. Mas de que modo pode se dar tal contribuição? Rilke (1929/1989, p. 22) nos oferece uma pista quando ele diz: “A maioria das experiências é indizível, por isso as coisas não são tão fáceis de dizer”. A literatura e a poesia tornam esse dizer mais fácil, bem como exercita o compreender o que se diz. Também o psicólogo clínico é um facilitador do dizer e um exímio na arte de compreender o que escuta. Vamos agora seguir aquilo que Sartre em *O Muro* nos ensina e fortalece o nosso aprendizado e ação clínica na arte de escutar e fazer falar, no caso, em um tema que, na maioria das vezes, é silenciado: a finitude da existência.

Uma máxima da clínica psicológica é a suspensão da moral vigente, para que possamos estar junto ao outro no modo como ele compreende. A literatura nos ensina a aprender a ver e a se demorar naquilo que o paciente nos conta. Sartre no seu livro *Que é a Literatura?* (1949/2015c) diz que é preciso compreender antes de julgar e isso se apresenta também em seu conto, em que ele esclarece como a descrição das experiências próprias enriquece a possibilidade de compreender e acompanhar as experiências singulares. Como, por exemplo, na passagem em que o conto nos mostra que Tom já havia matado tantas

pessoas e nunca havia compreendido o que era a morte, até que ele próprio vê a aproximação da sua finitude. Essa experiência encontra-se comumente na clínica quando a pessoa recebe um diagnóstico que anuncia a sua finitude. Muitas vezes, ela, tal como Tom, que acreditava no seu absoluto controle sobre as coisas, se dá conta de que essa crença falhou. Aparece então o querer retornar ao estado de inocência, ou seja, quando a pessoa acreditava que era imortal. Essa pessoa repete incessantemente que queria ser como era antes. Esse é o seu desespero: ela quer o que não pode obter consoante à sua vontade (Feijoo, 2017).

O filósofo francês também se refere à importância estética das palavras do escritor como também a sua responsabilidade com aquilo que ele escreve. Esse mesmo compromisso é o do psicólogo clínico: tal como o escritor, ele é um falador e, portanto, deve ser cuidadoso com o que fala e, até no momento em que diz algo, ele precisa estar atento ao momento oportuno. E, além disso, quando Sartre se intitula de escritor engajado e, por isso, não pode ser fiel à máxima da Ciência moderna de neutralidade, poderíamos dizer o mesmo sobre a atitude do psicoterapeuta.

Sartre, sem definir nem conceituar, nos mostra, ensina e exercita o clínico no exercício do ver - pacientemente - diferentes modos de apropriação do anúncio da finitude, experimentados singularmente pelo jovem Juan como um medo imensurável; pelo racionalista Tom, que até então tinha entendido a morte apenas racionalmente, por construções lógicas, e só quando a morte estava muito próxima pôde afetar-se pelo seu anunciar-se; o médico belga, que, como cientista, apenas fazia cálculos sobre a morte, totalmente distanciado do caráter de finitude da vida - inclusive da dele; o outro morria, mas ele não; e, por fim, pelo revolucionário Pablo, que não havia enxergado a morte e, ao apropriar-se do fim, transformou-se. Assim, uma vez tendo realizado essas leituras de forma atenta e paciente, poderemos apreender muito mais facilmente o afeto do nosso paciente que, frente à sua morte, pensa que a vida não tem sentido, que mesmo assim pode permanecer no controle, que antes se imaginava infinito. Essa é a grandiosidade das contribuições dos textos literários e, especificamente, dos sartrianos à experiência da clínica.

Por que escolhemos o tema da finitude, o anúncio da morte, e não qualquer outro de importância para a clínica? Por um viés hermenêutico, entendemos que o homem moderno, que todos nós somos, padece de um esquecimento daquilo que é o mais originário da existência, qual seja, somos para o fim. E esse esquecimento traz grandes consequências no modo de ser do homem de hoje. Esse homem, por esquecer de seu caráter de finitude, quando a morte de algum modo se anuncia, desperta para a sua finitude. Ao despertar, começa a travar uma luta para eliminar tal destino. Essa luta acaba se traduzindo no que a Ciência denomina transtorno. Trata-se de fato de uma volta a mais no torno que vai além das voltas necessárias. Esse homem passa a querer o controle e, então, passa a sofrer de insônia, hiperatividade, pânico, ansiedade generalizada. Frente a isso, várias medidas podem ser tomadas e, comumente, o encaminhamento é medicamentoso. De fato, a medicação faz esquecer e, uma vez esquecendo, a angústia frente à finitude se apazigua. Por outro lado, o psicólogo clínico não quer fazer esquecer para sarar; ao contrário, ele quer não deixar esquecer para que aquele que nos procura em sua fragilidade possa ganhar a liberdade de Pablo, que, uma vez se apropriando de sua liberdade, pôde conquistar a coragem de ser, independentemente de ser para um fim.

Considerações Finais

Na relação clínica, o interesse do psicólogo é a expressão das singularidades. Por isso, ao trazer o projeto literário do filósofo e escritor francês, ressaltamos como sua experiência singular se apresenta em um universal historicamente constituído. Sem ignorar os fatos que atravessam a existência de Sartre, deixamos que a sua singularidade em suas diferentes expressões ganhe relevo. Fizemos o mesmo com relação aos personagens do conto, sem abandonar a situação histórica que eles atravessavam – Guerra Civil Espanhola –, valorizando a expressão singular de cada um dos personagens frente à concretização de suas mortes.

O modo como Sartre descreve a experiência daquela cuja própria morte encontra-se anunciada revela com muita propriedade as diferentes expressões singulares frente à finitude da existência. A leitura atenta ao conto permite que aquele que se encontra em formação na tarefa de clínico, ou aquele que já atua clinicamente, possa apreender os diferentes sentidos da experiência do anúncio da própria morte.

A literatura, especificamente a sartriana, possibilita que o profissional que se dedica à clínica psicológica possa se antecipar e se aproximar da situação de alguém que atravessa a experiência de saber que está prestes a morrer - situação não rara nos atendimentos clínicos, mas que muitas vezes assusta e surpreende.

A modalidade de clínica que denominamos fenomenológico-existencial, por valorizar o sensível da existência, não pode ser apreendida pelos parâmetros da ciência. Ela, na especificidade de existencial, só pode ser apreendida por meio da Filosofia da existência e da literatura. Como nos diz Rubem Alves (2004) em seu texto *Sobre Ciência e Sapiência*, a ciência brinca com a caixa de ferramentas e a literatura com a caixa de brinquedos. Acreditamos que a *psicologia fenomenológico-existencial*, na posse da caixa de brinquedos, valoriza o ver imediato no momento oportuno; elege, por isso, o filósofo e escritor Jean-Paul Sartre, que com maestria tratou do imponderável da morte e suas expressões singulares, de modo a provocar no seu leitor o *pasmo essencial*.

Referências

- Alves, R. (2004, setembro 28). Sobre ciência e sapiência. *Folha Online*, [sinapse]online. Link
- Bakewell, S. (2017). *No café existencialista*. Objetiva.
- Cohen-Solal, A. (2008). *Sartre: Uma biografia*. 2ª ed. L&PM.
- Feijoo, A. M. L. C. (2000). *A escuta e a fala em psicoterapia: Uma proposta fenomenológico-existencial*. Vektor.
- Feijoo, A. M. L. C. (2017). *Existência & psicoterapia: Da psicologia sem objeto ao saber-fazer na clínica psicológica existencial*. Edições IFEN.
- Feijoo, A. M. L. C. (2020). *Interlocuções da psicologia clínica com a filosofia e a literatura*. Edições IFEN.
- Feijoo, A. M. L. C. (2021). *Suicídio e luto: Da investigação fenomenológico-hermenêutica às práticas clínicas fenomenológico-existenciais*. Edições IFEN.
- Freud, S. (2017). Fundamentos da clínica psicanalítica. In: *Obras incompletas de Sigmund Freud* (vol. 6). Autêntica Editora. (Obra original publicada em 1926)
- Heidegger, M. (1998). *Ser e tempo*. 2ª ed. Vozes. (Obra original publicada em 1927)
- Heidegger, M. (2001). *Seminários de Zollikon*. Vozes. (Obra original publicada em 1987)
- Heidegger, M. (2007). A questão da técnica. *Scientia e Studia*, 5(3), 375-398. DOI: 10.1590/S1678-31662007000300006
- Husserl, E. (2007). *La filosofia como ciencia restricta*. Terramar. (Obra original publicada em 1952)
- Kundera, M. (2008). *A insustentável leveza do ser*. Companhia das Letras.
- Lispector, C. (2018). Ao correr da máquina. In: P. K. Vasquez (Org.), *Todas as Crônicas* (pp. 390-393). Rocco.
- Pessoa, F. (1988). *O guardador de rebanhos e outros poemas*. Cultrix.
- Pessoa, F. (2005). Poemas inconjuntos. In: F. C. Martins & R. Zenith (Eds.), *Poesia completa de Alberto Caieiro*. Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1925)
- Rilke, R. M. (1989). *Cartas a um jovem poeta*. Globo. (Obra original publicada em 1929)
- Rosa, J. G. (2009). *Tutameia* (Terceiras estórias). 9ª ed. Nova Fronteira.
- Sartre, J.-P. (1987). *O Existencialismo é um humanismo; A imaginação; Questão de método*. 3ª ed. Nova Cultural.
- Sartre, J.-P. (2000). *Words*. 2ª ed. Penguin Books. (Obra original publicada em 1963)
- Sartre, J.-P. (2005). *Diário de uma guerra estranha*. 2ª ed. Nova Fronteira. (Obra original publicada em 1983)
- Sartre, J.-P. (2013). *As moscas*. Nova Fronteira. (Obra original publicada em 1943)
- Sartre, J.-P. (2014). *Existencialismo é um humanismo*. 4ª ed. Vozes. (Obra original publicada em 1946)
- Sartre, J.-P. (2015a). *O muro*. Nova Fronteira. (Obra original publicada em 1939)

Sartre, J.-P. (2015b). *O ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenológica*. 24ª ed. Vozes. (Obra original publicada em 1943)

Sartre, J.-P. (2015c). *Que é a literatura*. Vozes. (Obra original publicada em 1949)

Sartre, J.-P. (2017). *Os caminhos da liberdade: A idade da razão; Sursis; Com a morte na alma* (3 vols.). Nova Fronteira. (Obra original publicada em 1945-1949)

Sartre, J.-P. (2019). *A náusea*. 25ª ed. Nova Fronteira. (Obra original publicada em 1938)

Como Citar:

Feijoo, A. M. L. C., & Almeida, Y. S. (2023). A Finitude da Existência - De Sartre à Psicologia Clínica. *Revista Subjetividades*, 23(1), e12333. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v23i1.e12333>

Endereço para correspondência

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo
E-mail: ana.maria.feijoo@gmail.com

Yan Sousa de Almeida
E-mail: yan.s.de.a@gmail.com

Recebido: 10.03.2021

Revisado: 18.07.2022

Aceito: 20.08.2022

Publicado: 06.10.2023